

CONVIVER PARA AMAR E SERVIR

Baseado em
Mário da Costa Barbosa
2012

Organizadores:

Helder Boska de Moraes Sarmento
Reinaldo Nobre Pontes
Sonia Regina Hierro Parolin



*O Evangelho — a nova ou a boa nova — é
a mais expressiva história de uma vida,
através de outras vidas, iluminando
a vida de todos os homens.*

AMÉLIA RODRIGUES

*Como é que a minha vida está se
entrelaçando com outras vidas?*

MÁRIO DA COSTA BARBOSA

Agradecimento

*A Demóstenes J. L. Pontes pela cuidadosa
(amorosa) revisão de Língua Portuguesa
realizada nos originais antes da
entrega à editora.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	13
1 – MÁRIO BARBOSA: UM TRABALHADOR INCANSÁVEL	19
1.1 – Histórico sobre a metodologia do espaço de convivência, criatividade e educação pelo trabalho	25
2 – FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS PARA O SERVIÇO ASSISTENCIAL ESPÍRITA	31
2.1 – O trabalho na evolução espiritual e social	32
2.2 – Caridade e Espiritismo	37
2.3 – O homem no mundo	54
3 – CATEGORIAS DA METODOLOGIA DO ECCET	77
3.1 – O sentido das categorias (na evangelização e no trabalho assistencial)	79
3.2 – Espaço de convivência	79
3.2.1 – Perfil psicossocial do assistido	96
3.3 – Criatividade	101
3.4 – Educação	115
3.5 – Trabalho	120
4 – A METODOLOGIA DO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA, CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO PELO TRABALHO: DIMENSÃO OPERATIVA	129
4.1 – Como fazer?	129
4.2 – Planejamento	133

4.3 – A atividade	135
4.4 – Espaço físico	137
4.5 – Tempo.....	138
4.6 – Trabalhadores	138
4.7 – Conteúdo doutrinário	139
4.8 – Normas das oficinas/grupos de atividades.....	141
4.9 – Recursos materiais.....	143
REFLEXÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS	149

APÊNDICES

ROTEIRO PARA ESTUDO DO SERVIÇO ASSISTENCIAL ESPÍRITA	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ELABORADAS POR MÁRIO DA COSTA BARBOSA	157
FONTES DO PENSAMENTO DE MÁRIO BARBOSA	165

APRESENTAÇÃO

Idealista e amigo

A apresentação de livro sobre o amigo e dinamizador Mário da Costa Barbosa é uma honra, pois convivemos com ele em cenários diversificados e em momentos significativos. Testemunhamos sua maneira de ser: simpático, claro em suas posições, sempre fundamentado em posições doutrinárias e técnicas, coerente e com visão humanista.

Conhecemos Mário da Costa Barbosa na segunda metade da década de 1970, oportunidade em que ele atuava no Departamento de Serviço Assistencial Espírita da União das Sociedades do Estado de São Paulo. Em 1977, juntamente com minha esposa Célia, assistimos a um Seminário sobre família, por ele coordenado, nas dependências da Instituição Beneficente Nosso Lar, no bairro

Jardim da Glória, em São Paulo. Esta, uma notável obra, então dirigida por Nancy Puhlmann Di Girolamo.

Suas apresentações sobre Serviço Assistencial Espírita, comentários sobre o Evangelho (citando metodologia de estudo de Honório Onofre de Abreu, de Belo Horizonte) e sobre família, nos cativaram e o convidamos inúmeras vezes para eventos na cidade de Araçatuba (SP), onde residíamos e dirigíamos o Órgão Municipal da USE-SP.

Em nossa terra natal, aconteceram alguns fatos marcantes.

Colecionávamos informações sobre Benedita Fernandes — vulto pioneiro da assistência social espírita em nossa região —, e mensagens sobre ela, como “Num domingo de calor” (de Hilário Silva, psicografia de Francisco Cândido Xavier, de 1964) e, outras de autoria dela, a começar por “Emergência para a Criança” (psicografada por Divaldo Pereira Franco, na residência de nossos pais, em Araçatuba, em abril de 1973). Mário ficou cativado pela figura e pensamentos espirituais de Benedita Fernandes, principalmente pela mensagem “Cruzada de Amor” (psicografada por Divaldo Pereira Franco, em nossa residência, em Araçatuba, em novembro de 1979). Mário sempre citava ou trabalhava nos seus Seminários, notadamente as mensagens mencionadas de Benedita Fernandes. No ano de 1982, lançamos uma edição local do livro *Dama da caridade*, focalizando Benedita Fernandes e incluímos as aludidas mensagens.¹ A nosso convite, Mário compareceu dezenas de vezes em Araçatuba, para palestras e seminários, inclusive no histórico 1º Encontro de Delegados de Polícia Espíritas do Estado de São Paulo, realizado em Araçatuba de 23 a 25 de maio de 1980.²

O fato de assistirmos a um Seminário sobre Família, com Mário, e, depois a “Campanha Integração da Família”, efetivada pela USE-SP em 1980, motivou-nos para que montássemos um Curso sobre Família, no Centro Espírita Luz e Fraternidade, em Araçatuba. Tempos depois, já como presidente da USE-SP, juntamente com Célia, implantamos o mesmo Curso na sede da USE, em São Paulo, no ano de 1991. O conjunto dessas experiências gerou o livro *Família e espiritismo*³ e serviu de base para que a USE-SP apresentasse ao Conselho Federativo Nacional da FEB a proposta de uma Campanha sobre Família, ao ensejo do “Ano Internacional da Família” da ONU (1994). Assim, surgiu a Campanha “Viver em Família”, promovida pelo CFN da FEB.

Em função dos contatos e intercâmbios doutrinários desenvolvidos em Araçatuba, Mário cultivou intensa amizade com nossa genitora, conhecida pelo apelido Bebê, e com nosso irmão Paulo Sérgio. Passou a ser um hóspede da família, frequentando algumas festividades familiares, inclusive, de Natal e Ano Novo.

Além das contribuições que nos propiciou nos eventos espíritas, tivemos o privilégio de dialogar com ele sobre temas gerais da sociedade. Como eram agradáveis e frutíferos os *bate-papos* com Mário!

Repentinamente, no ano de 1989, transferimo-nos para a cidade de São Paulo, onde assumimos o cargo de Pró-Reitor de Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e se articulava nossa eleição para a presidência da USE-SP. Mário se preparava para retornar a São Paulo, depois de uma atuação profissional e espírita em Belém.

Exultamos com seu projeto pessoal e ele se tornou nosso assessor na UNESP. Nos meses iniciais de 1990, trocamos muitas ideias sobre os projetos para as ações acadêmicas e do movimento espírita, mas, repentinamente fomos colhidos pela surpresa da sua enfermidade, o inesperado retorno a Belém e a sua rápida desencarnação. Até hoje, ecoam na nossa memória a sua voz ao telefone, já lenta, com palavras amigas, poucos dias antes de sua libertação espiritual.

O livro *Conviver para amar e servir* é uma feliz iniciativa para se registrar a memória das propostas e o trabalho de Mário da Costa Barbosa. Houve um grande esforço para se coletar informações, pois a atuação dele se espalhou para várias regiões. Mas os desdobramentos de sua ação estão bem marcados, principalmente nos Estados do Pará e de São Paulo. Reconhecemos em Mário da Costa Barbosa um bom e prudente visionário. Sua perspicácia e suas ideias avançadas anteciparam em algumas décadas alguns projetos e ações que agora estão sendo colocados em prática.

Brasília(DF), novembro de 2011.

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO
Secretário Geral do Conselho Federativo Nacional da
Federação Espírita Brasileira

INTRODUÇÃO

Após mais de vinte anos da desencarnação do amigo e irmão Mário da Costa Barbosa (1936 –1990) percebeu-se, entre aqueles que tiveram o benefício da sua convivência mais próxima, um sincero desejo de resgatar seus ensinamentos, sua maneira peculiar de nos mostrar Jesus e a excelência da Doutrina Espírita e de sistematizá-los em formato de texto. Com esse gesto, queremos agradecer-lhe os anos de aprendizado que nos legou com seu convívio, partilhando os frutos deste trabalho com outros irmãos da Seara Espírita.

Não nos atrevemos a considerar a obra como uma homenagem a ele. Seria muito pouco. Por outro lado, cremos que ele não desejaria tal louvação (pois, não era dado a vaidades) e, sim, que cada um de nós “pegue a sua enxada e saia a campo a arar e semear a terra do nosso Pai”. O que fizemos, reunindo um grupo de colaboradores, foi coletar gravações em VHS da década de 80 (precárias à época), realizar algumas entrevistas com alguns amigos

seus, reunir algumas poucas anotações das décadas de 70–80, e, bem assim, organizar, coerentemente, um conteúdo mais próximo possível da forma como o Mário conduzia os estudos, os trabalhos, os debates, os seminários, as práticas no Grupo Espírita Vinha de Luz, no Lar de Maria, entre outros Centros Espíritas, e em vários cantos do nosso imenso país, para entregar a público uma obra acessível a qualquer trabalhador espírita das mais diversas realidades socioculturais. Quanto ao trabalho de coleta de materiais, agradecemos e destacamos o apoio do Grupo Fraternal de Cuiabá/Mato Grosso, mais precisamente, o da Sra. Arminda Thomé Müller, que nos possibilitou o acesso ao rico material, transcrito de palestras e seminários, realizados por Mário Barbosa, em seguidos anos, junto ao Movimento Espírita daquele estado. Agradecemos, igualmente, a Lívia Barbosa, sobrinha de Mário, que nos auxiliou na atualização dos dados biográficos.

Para os colaboradores desta obra, trata-se não só de um real aprendizado, mas também uma dívida de gratidão a sua pessoa, pelo trabalho realizado, na seara do Cristo, que nos propiciou tanto crescimento. Mário foi sempre coerente em suas ideias e ações, por isso que não pregava ou aconselhava, mas conduzia à reflexão, aos questionamentos e semeava nos corações. Discutia larga e abertamente com as pessoas e permitia que cada um, com seus sentimentos legítimos e conhecimentos adquiridos, se sentissem pertencentes ao todo, numa construção dialética reflexiva constante, a orientar ações transformadoras. Portanto, além de desfrutar do seu convívio amoroso, crescemos muito estando perto dele, estudando e pensando com ele sobre o Cristo e a Doutrina

Espírita, e com ele interagindo e refletindo, crítica e continuamente, sobre a vida e o viver cristão. Ao sermos beneficiados por tais bênçãos, percebemos, somente após todos esses anos, a possibilidade de retribuí-las com este trabalho, com o fito de socializar o conhecimento sistematizado, em nossa feliz e frutuosa convivência com ele.

Vale destacar que muitos outros trabalhadores espíritas, que conviveram com ele e participaram do processo de maturação da Metodologia, prontificaram-se a contribuir com esta obra, por isso que aqui expressamos a todos os nossos penhorados agradecimentos, pela preciosa colaboração recebida.

Ressaltamos que a relevância do conjunto das reflexões, proposta pelo companheiro, pode ser evidenciada por quatro fundamentos doutrinários, que se complementam:

- 1 A verdadeira caridade: aquela que vai além da caridade material, sem a esta excluir, diante da necessidade legítima do outro, pois, quando todos praticarem a moral cristã, não haverá mais a miséria e a pobreza (ESE, cap. XIII, it. 9; LE, q. 886), pois as desigualdades das condições sociais são obra do homem e não de Deus (LE, q. 806);
- 2 O benefício para aquele que a pratica: aquele que pratica a caridade encontra meios de parecer ele mesmo beneficiado diante daquele a quem presta o serviço, vivendo, assim, a verdadeira generosidade (ESE, cap. XIII, it. 3);
- 3 Construção da nova sociedade: o bom emprego da inteligência pelo bem de todos, em todas as esferas de

ação (ESE, cap. VII, it. 13), pois o homem “tem que atingir a finalidade que a Providência divina lhe assinalou” (LE, nota de Kardec na q. 783). Como uma força viva, o progresso (transformação da sociedade) não pode ser retardado e cabe aos homens de bem agir “em concordância com a Justiça divina, que quer que todos participem do bem” (LE, nota de Kardec na q. 78-a). Cabe ao homem a missão de trabalhar pela melhoria material do planeta, de “desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta” (ESE, cap. XVI, it. 7). “As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações” (LE, nota de Kardec na q. 783);

- 4 Transformação do mundo pela educação: vencer o egoísmo em todas as suas dimensões e disfarces, lograr esforços na transformação das instituições e relações sociais, da família aos povos, pois “o choque, que o homem experimenta, do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de se colocar na defensiva” (LE, q. 917). A erradicação do egoísmo “só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave

do progresso moral” (LE, nota de Kardec na q. 917). Deve-se considerar ainda, que, para o progresso da humanidade, “o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos: Deus abençoa a solidariedade.” (ESE, cap. XX, it. 03).

No decorrer do texto, esses fundamentos são desdobrados e dão forma e sustentação à Metodologia da Convivência, Criatividade e Educação pelo Trabalho. O seu estudo é aqui proposto linearmente, mas a metodologia somente pode ser apreendida na articulação das dimensões (categorias) associadas à dinâmica da ação consciente e planejada para tal. A aplicação da metodologia, apesar do enfoque mais específico ao serviço assistencial espírita que lhe é dado, pode ser expandida a todas as atividades da Casa Espírita, mais especialmente na evangelização (crianças, jovens e adultos), porquanto os relacionamentos, que ali se desenvolvem, devem ser de aprendizado, crescimento e de libertação para todos.

Buscamos manter a fidelidade possível às reflexões de Mário e esperamos ter conseguido vivificá-las, no intuito de que o leitor possa sentir-lhe a proximidade e refletir, com ele, sobre os ensinamentos e vivências de Jesus, sistematizados na metodologia proposta.

OS ORGANIZADORES

1

MÁRIO BARBOSA: UM TRABALHADOR INCANSÁVEL

Mário da Costa Barbosa nasceu em 11 de maio de 1936, em Cruzeiro do Sul, estado do Acre. Filho de João Lemos Barbosa e Francisca da Costa Barbosa, foi o filho caçula, entre quatro irmãos, e pai de Paulo Augusto da Costa Barbosa. Com 4 anos de idade, sua família transferiu residência para Belém do Pará. Estudou o Curso Primário com professores particulares, tendo prestado exames para receber o Certificado no Grupo Escolar Justo Chermont. Fez o Curso Ginásial e Colegial no Colégio Estadual Paes de Carvalho. Concluiu seu Curso de Serviço Social em 1968, na Escola de Serviço Social da Universidade Estadual do Pará. Participou de Cursos em Serviço Social de Grupo, na Universidade Federal do Pará, Treinamento de Pessoal (FMU/ SP) e Serviço Social na Empresa (FMU/ SP). Em 9 de dezembro

de 1978, obteve o título universitário de Mestre em Serviço Social, pela PUC/SP, após defender dissertação que versou sobre “Planejamento em Serviço Social”, obtendo média dez perante a banca examinadora, sendo posteriormente publicada, em forma de livro, com novas edições até hoje.

Como profissional, desenvolveu atividades funcionais no Banco da Amazônia S.A., no período de 1968 a 1975, quando passou a dedicar-se especialmente às atividades ligadas ao Serviço Social. Desenvolveu atividades técnicas e docentes, como convidado, em várias cidades do país, e participou de um grande número de eventos no Pará e em outras localidades e, especialmente, como coordenador, palestrante, assessor, examinador, presidente ou professor. Foi Professor nos Cursos de Pós-Graduação no Centro Sócio-Econômico da UFPA, na Faculdade de Serviço Social de Santos/SP, na Faculdade de Serviço Social das Faculdades Integradas Santo Antonio/SP, na Sociedade de Serviço Social/SP, na Faculdade de Serviço Social da PUC/SP, na Faculdade de Serviço Social das Faculdades Metropolitanas Unidas/SP, no Curso de Serviço Social do Cesep/PA (antiga Unespa e atual Unama).

Foi Chefe de Departamento de Serviço Social da Faculdade de Serviço Social das Faculdades Metropolitanas Unidas/SP e do Departamento de Serviço Social do Cesep, em Belém/PA. Ocupou, ainda, a função de Coordenador do Curso de Serviço Social na antiga Unespa (atual Unama), de onde se afastou para concluir seu Doutorado na PUC/SP, em 1990.

Ainda na esfera profissional, publicou vários livros, artigos e trabalhos técnicos, destacando-se, entre eles,

Propostas metodológicas para o ensino da metodologia (Editora Cortez), *Desenvolvimento e relações sociais* (CBCISS), *Serviço social como práxis* (Editora Cortez), *Planejamento e serviço social* (Editora Cortez). Foi fundador e membro da Comissão Editorial da *revista serviço social e sociedade*. Em 1973, foi Assessor junto aos Voluntários Internacionais e Brasileiros para a Amazônia, com a finalidade de desenvolver a Comunidade Igarapé-Açu/PA, foi, ainda, Coordenador Geral do Centro Comunitário do Bairro do Guamá, Belém/PA e Presidente da Fundação do Bem-Estar Social do Pará (1983–1987). Como Presidente dessa instituição, ganhou notoriedade nacional e na América Latina, resultante da prática implantada, em conjunto com sua equipe de trabalho, e, principalmente, pelas novas abordagens junto às crianças e adolescentes autores de atos infracionais (infratores e em risco social na época) e, ainda, pelo trabalho junto às comunidades de baixa renda. Essa equipe participou ativamente da elaboração do atual Estatuto da Criança e do Adolescente, a partir das orientações de Mário da Costa Barbosa. Foi homenageado com o Diploma de Honra ao Mérito pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará.

Logo após sua saída da Fundação do Bem-Estar Social do Pará, assumiu a Diretoria de Assistência Social da Secretaria Estadual do Trabalho (1987–1989), recém-criada com o objetivo de responder às mudanças sociais e institucionais, que a realidade impunha. Nesse período, sua ação visionária permitiu contribuir para a estruturação da secretaria e, principalmente, que se levasse adiante a sua proposta de “creches populares”, como o único recurso disponível naquele momento. À frente desse órgão, priorizou ações em

regiões do estado do Pará, nas quais não havia a presença efetiva do Estado, deslocando sua pequena equipe para as comunidades mais pobres de trabalhadores. A proposta era básica: investir recursos financeiros com os próprios produtores locais, para alimentar as crianças e adolescentes, retirando-os do campo. Os cuidados da creche ficavam por conta das famílias em revezamento e a infraestrutura era negociada com as prefeituras. Em poucos meses, esta proposta avançou por todo o Estado e, junto com ela, renasceram movimentos e lutas por direitos, revitalizando o trabalho e a assistência social.

Como espírita, foi membro da União Espírita Paraense e Fundador do Grupo Espírita Vinha de Luz, em Belém/PA, local onde desenvolveu atividades diversificadas, mantendo creche, assistência médica, etc. Nessas entidades, atuou como coordenador das atividades assistenciais, como palestrante, coordenador de grupos de estudos e seminários, como médium, entre outras atividades. Não deixou obras espíritas escritas (à exceção de alguns poucos manuscritos que foram transcritos para este livro). Contudo, várias fitas (antigos VHS e agora transformados em DVDs) foram gravadas de suas palestras e seminários, cujo conteúdo foi igualmente inserido no texto desta obra. Ele também foi o amigo-colaborador no Centro Espírita Grupo Fraternal, em Cuiabá/MT, da Associação Espírita Fé e Caridade, em Florianópolis/SC, entre outros.

No Movimento Espírita, Mário foi diretor do Departamento de Serviço Assistencial Espírita da USE-SP, no período em que residiu em São Paulo. Atuou com companheiros como Odair Cretela de Oliveira e Elaine Curti

Ramazzini. Foi um dos primeiros a promover um Seminário ou Curso sobre Família, em 1977, em Centro Espírita daquela cidade. Foi um dos colaboradores do *Manual de serviço assistencial espírita* da USE-SP, lançado em 1981, reeditado em 1995, e que depois foi utilizado como base para o *Manual de serviço de assistência e promoção social espírita*, do Conselho Federativo Nacional, editado pela FEB.

Mário inspirou-se fortemente na experiência da Casa do Caminho, primeira obra cristã relatada no livro *Paulo e Estevão*, de Emmanuel e psicografia de Chico Xavier. Outra forte inspiração foi a vida e obra de Benedita Fernandes, relatadas no livro *A dama da caridade*, de Antonio Cesar Perri de Carvalho, além de várias mensagens ditadas, por ela, a Divaldo Pereira Franco.

Desencarnou em 11 de setembro de 1990, em Belém/PA, após prolongada enfermidade, durante a qual recebeu de seu imenso círculo de amigos e admiradores a atenção e o carinho que muito merecia. Durante a sua enfermidade, quando se sentia em condições físicas para tal, continuava desenvolvendo atividades de orientação e planejamento, junto à equipe de trabalho profissional e voluntária do movimento espírita local. Lamentavelmente, não concluiu sua tese de Doutorado sobre Assistência Social. O relançamento da 3ª edição do seu livro *Planejamento e serviço social* ocorreu logo após seu falecimento e os exemplares chegaram a Belém, no exato momento em que ocorria o sepultamento do seu corpo.

Seus pensamentos e obras influenciaram as políticas e práticas do Serviço Social no país, tanto na esfera pública quanto acadêmica. Mário entendia, como um dever impos-

to a si próprio, que um dos compromissos do Homem de Bem no mundo, segundo o Evangelho, é de fazer a outrem todo o bem que lhe desejara que lhe fizessem. Dedicava-se, especialmente, à causa das crianças e adolescentes em situação de risco social e por ela trabalhou em todas as esferas possíveis. Diríamos que ele empenhou a própria vida nessa causa. Conseguia aliar os conhecimentos profissionais aos conhecimentos espíritas e vivência cristã, com excepcional consistência e profundidade sem, contudo, ultrapassar as fronteiras entre uma área e outra, evitando, assim, um confronto ideológico ou conceitual entre as partes, porém, sem abandonar o exercício da reflexão constante entre ambas. Compreendia que a caridade, conforme elucidada Paulo em sua *Epístola aos coríntios*, independe de qualquer crença particular e se desdobrou, assim, em ampliar as aplicações em todos os campos da sua existência.

Dessa forma, a Metodologia do Espaço de Convivência, Criatividade e Educação pelo Trabalho (ECCET) foi amplamente disseminada entre os meios profissionais e espíritas, mantendo o mesmo fundamento de respeito e amor ao próximo, e, resguardando os referenciais teórico-práticos em cada campo de aplicação, como meio de intervenção social, mediante a prática da caridade em seu amplo sentido.

Alguns anos após sua desencarnação, foram prestadas várias homenagens a sua obra. Em Belém/PA, existe a Escola Mário Barbosa, no bairro da Terra Firme. Na cidade de Benevides (PA), a recém-inaugurada Unidade de Atendimento Socioeducacional leva também o seu nome. Na cidade de São Paulo, há a Creche Municipal Professor Mário da Costa Barbosa, no bairro Parque Novo Mundo.

1.1

HISTÓRICO SOBRE A METODOLOGIA DO ESPAÇO
DE CONVIVÊNCIA, CRIATIVIDADE E
EDUCAÇÃO PELO TRABALHO

Segundo Mário da Costa Barbosa¹ a *Metodologia do Espaço de Convivência, Criatividade e Educação pelo Trabalho* (ECCET) começou a ser desenvolvida no período em que ele esteve à frente da área de Serviço Assistencial Espírita da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE, na segunda metade da década de 70.

Naquela ocasião, nasceu uma preocupação no âmbito da tarefa de evangelização infantil que se traduzia na seguinte pergunta: como melhor conduzir a tarefa da evangelização para crianças filhas de pais não-espíritas e/ou que moravam em regiões periféricas e pobres das cidades? Tal problemática nasceu da observação de que o modelo recomendado pela Federação Espírita Brasileira — FEB apresentava maior efetividade junto a crianças filhas de pais espíritas, além de que ele estava muito mais calcado numa visão de evangelização pela instrução do que pela vivência.

Com base na perspectiva de que evangelizar é “viver a Boa Nova”, conforme Jesus o fez através de sua incomparável pedagogia, a proposta metodológica empregada, até então, nas casas espíritas, tanto nas distintas atividades de evangelização (infantil, juvenil e adulta) quanto nas atividades do serviço assistencial, merecia ser repensada na sua dimensão metodológica. Essas reflexões foram amadurecidas durante

1 Nota dos organizadores: informação obtida em vídeo de curso ministrado para candidatos à evangelização infantil espírita, em Belém do Pará, na segunda metade dos anos 80 aproximadamente.

quase duas décadas (70–80), através de estudos doutrinários e experiências vividas, principalmente nas cidades de São Paulo e Belém, que se estenderam também a Casas Espíritas, situadas em Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro, Salvador, para citar apenas as principais.

Se as experiências vivenciadas em São Paulo deram lugar a fecundas reflexões sobre a melhor metodologia para evangelização e assistência social, foi em centros espíritas de Belém do Pará que, funcionando como verdadeiros laboratórios, pôde-se colocar em prática uma nova metodologia, ancorada nas categorias de espaço de convivência, criatividade, educação e evangelização pelo trabalho.

Mais especificamente, essa experiência foi iniciada no Grupo Espírita Vinha de Luz, situado no bairro do Guamá, o mais populoso e pobre bairro da cidade de Belém/ Pará. Mário integrou o grupo de fundadores dessa Casa Espírita, fundada em 01/01/1963, e, desde o início, lutou por melhorar a oferta de educação e assistência social às famílias em extrema pobreza do entorno. O compromisso com o bem-estar daquela coletividade vem sendo demonstrado ao longo dos 50 anos de sua existência, o que é comprovado pela manutenção de uma escola de ensino fundamental, em convênio com a Secretaria Estadual de Educação, por quase 44 anos até os presentes dias.

Ao retornar a Belém, de sua longa permanência na cidade de São Paulo, Mário volta às lides no Grupo Espírita Vinha de Luz e começa a discutir, com dirigentes e evangelizadores da casa, a proposta metodológica do ECCET. Estabelece então com os trabalhadores uma nova programática para o trabalho de evangelização infantojuvenil, não mais

baseado na divisão por faixas etárias, mas na criação de espaços de convivência, construídos em torno de uma atividade, da qual participavam crianças e adolescentes de diferentes idades. Por exemplo, criou-se o grupo de teatro, de música, de atividades manuais, de futebol, etc. Através da convivência estabelecida pelo vivo interesse despertado nas crianças e nos jovens nessas atividades, os evangelizadores estimulavam a criatividade na realização desses entretenimentos, surgindo, dessa convivência, temas, questões, conflitos, mediante os quais se trabalhava o conteúdo doutrinário, evangélico, enfim, se evangelizava, sempre pelo diálogo.

Nas manhãs de sábados, Mário reunia-se com todo o grupo de trabalhadores e refletia sobre as experiências vividas e analisava, com o grupo, sempre baseado no Evangelho e nas obras básicas da Doutrina Espírita, as situações e o desenvolvimento do novo processo metodológico. Imersos nessas reflexões, o grupo buscava romper com a visão de evangelização tradicional, com base na *informação sobre a Boa Nova*, para uma nova perspectiva, sob a égide do *anúncio da Boa Nova*, através da convivência, *como a pedra angular da proposta*. Ressaltam-se, assim, duas questões de suma importância na prática da metodologia:

- » reflexão coletiva sobre os detalhes dos trabalhos, das experiências, da convivência, para o amadurecimento individual e coletivo, e a
- » busca da coerência nas atitudes dos evangelizadores que, ao adotarem a convivência na evangelização, e não a postura de lecionar ou palestrar sobre conceitos e fundamentos, passam a agir através da convivência e do trabalho concreto com as crianças.

Foram essas as maneiras de consolidar, nas consciências, os fundamentos e as finalidades da metodologia ECCET, vivenciadas com autenticidade e profundidade nas reflexões e estudos.

Era empolgante perceber, na análise das práticas e das situações vivenciadas, o crescimento do grupo de evangelizadores, das crianças e dos jovens. O trabalho de aulas prontas, os temas preestabelecidos, os grupos por faixa etária, foram sendo superados, paulatina e progressivamente, por outra dinâmica, que permitiu o aumento do interesse do grupo de trabalhadores e dos evangelizados.

O medo de perder a segurança do “plano de aula” preestabelecido dava lugar ao entusiasmo e a um relacionamento diferente (embasado na Doutrina Espírita), consistente (evangelizar pelo exemplo e pelo diálogo na convivência) e criativo (atividades envolventes). Atuar com a metodologia pressupõe autorrenovação espiritual do evangelizador, já que, convidado a viver a Boa Nova, impunha ser coerente consigo mesmo e com a Doutrina Espírita.

A experiência no Grupo Espírita Vinha de Luz foi estendida ao trabalho federativo da União Espírita Paraense — UEP, principalmente na área do serviço assistencial espírita. Com a coordenação de Mário Barbosa, a UEP promoveu muitos seminários e encontros ao conjunto de Casas Espíritas da capital e do interior do estado, com o objetivo de disseminar a proposta do ECCET como uma nova forma de assistir, material e espiritualmente, aos que as buscavam portando graves necessidades materiais.

Cabe destacar que, em Belém, além do Grupo Espírita Vinha de Luz, duas outras Casas se notabilizaram

pela adesão à nova proposta metodológica: o Lar de Maria e o Grupo Espírita Jardim das Oliveiras. Alguns encontros, entre essas três entidades, se realizaram sob a coordenação de Mário, dando lugar às gravações em vídeo (VHS), donde se extraíram muitas referências para o presente livro. Esses encontros, que ocorreram no decorrer da segunda metade da década de 80, possibilitaram o aprofundamento na compreensão do sentido evangélico da proposta, sempre calcada na obra de Kardec, nas bases filosóficas, pedagógicas e sociológicas, para o entendimento do alcance renovador da metodologia.

O Jardim das Oliveiras talvez tenha sido o único grupo no Brasil surgido sob a inspiração da metodologia e que mantém, até os dias atuais, uma notável obra socioeducacional.

É necessário esclarecer que Mário Barbosa nunca buscou qualquer autoria sobre a metodologia, tanto é que não se encontra nenhum texto seu sobre o tema, mas somente algumas anotações e as gravações em VHS. Ele buscava uma sistematização pela reflexão sobre *como* Jesus trouxe a Boa Nova para a Terra: convivendo com o outro, e, através dessa convivência com todos os que lhe cruzaram o caminho, escreveu o seu Evangelho. Amélia Rodrigues afirmava: “É a narrativa de uma vida através de outras vidas”, como Mário costumava enfatizar.

Como um trabalhador incansável, Mário saiu pelo Brasil afora fazendo jus à Parábola do Semeador, distribuindo as sementes do Evangelho, e, utilizando a metodologia do ECCET como forma de levar as pessoas a perceberem (como ele já havia percebido) que evangelizar necessita do *evangelizar-se*.

Em Cuiabá, na Federação Espírita do Mato Grosso, especialmente no Grupo Fraternal, viveu-se experiência semelhante, com Armanda Thomé Muller, dedicada amiga de Mário à frente dos trabalhos, e até hoje guardam e desenvolvem a boa semente da metodologia, nas práticas dos grupos de convivência, tanto na evangelização infantojuvenil quanto na assistência social. No Rio de Janeiro, registra-se a influência do pensamento de Mário na atuação da USEERJ, sob a regência do lúcido trabalho de divulgação de Edvaldo Roberto de Oliveira, que, por longo tempo, coordenou a área de serviço assistencial. Registre-se também a presença, na instituição Lar Fabiano de Cristo, em particular na pessoa de Cezar Reis, de uma importante interlocução da proposta de Mário.

Enfim, Mário esteve em muitos lugares do país, espalhando a fecunda ideia da evangelização pela convivência e pelo trabalho. Mas, isso ainda é pouco, comparado ao grande número daqueles que ainda não tiveram a oportunidade de contatar com essa luminosa construção intelecto-espiritual, razão pela qual essa singela obra necessita ainda o concurso de outras mãos, que, como numa cadeia virtuosa, a transmitirão a outras, para que essa brilhante experiência possa crescer e se espalhar, já que surgida sob o signo do legítimo Cristianismo Vivido e Redivivo.